

A Sr.^a D. EUGENIA D'ALMEIDA, distinta amadora de canto, discipula de M.^o Mantelli

«Cliché» da fotografia Cunha, Lisboa)

II série — N.º 549

Assinatura para Portugal, *Trimestre 1\$20* ctv.
colonias portuguesas *Semestre 2\$40* „
e Hespanha: *Ano 4\$80* „
Numero avulso, **10 centavos**

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 28 de Agosto de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em conexão com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excepções e uma d'ellas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um Inteligente e habil velho, William Rice. Depois de ter sofrido durante bastantes anos, de uma hernia dupla, a qual todos os médicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação velu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só poudo curar-se a s proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as classes de her-



Cur V. S.ª a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo

nas com o maior resultado, pois il-caram todas as her-nias absolutamente curadas. Talvez que V. S.ª já tenha il-do nos jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.ª tenha já lido ou não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o descobridor de esta cura

oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como ele e centenaes de outros que tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura efetua-se sem dor e sem o menor inconveniente. As occupaões ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornarão necessarias, o risco de uma operaço cirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão sã como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que sofram de hernias. lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem igual, que se remetem sem despeza alguma e confia-se que todos que d'ella necessitem se aproveitarão d'esta generosa oferta. E' sufficiente encher o coupon incluso e enviar-o pelo correlo a direccão indicada

COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (S 944), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

Nome.....
Endereço.....

Museo galante

Colleccão secreta de 25 postaes — Unicas. — Pelo correlo registrado. — Exige-se segredo. — Enviar 1 escudo em selos do correlo a **Mr. SAMBI**

Casier 108 — PARIS



Damas

os pêlos do rosto e braços extraem-se radicalmente com o uso do científico preparado OSODRAC. E' infalível, não irrita nem mancha, deixando a pele macia e assetinada. O grande consumo diario do OSODRAC atesta por si, sem maior reclamo, as suas boas qualidades. Restitue-se a importancia, não dando o resultado por nós garantido.

Frasco 800 réis, pelo correio 867 réis. A' venda na

DROGARIA SILVA
Rua da Palma, 7

E no DEPOSITO GERAL.

F. CARDOSO, R. Alvaro Coutinho, 23 LISBOA

(Ao lado do Teatro Moderno)

Henri Manuel PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Repor-tagem

As mais importantes colleccões de retratos de altas personalidades.

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO COLOSAL
SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

?Quereis o cabelo bem tingido?

A Flôr de Ouro

E' a melhor de todas as tinturas para o cabelo ou a barba; não mancha a pele nem suja a roupa; ob eido a cor castanho ou preto; evita a queda do cabelo e cura a caspa, deixando o cabelo tão formoso que nem a pessoa mais intima dá por isso. — Preço 1\$70. Pelo correio 1\$90. Colonias 2\$20

ANITA P. FORMENT

Penteadora La "Madriena"

R. Diario de Noticias, 61, r/c.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de respons. limit.

Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa-ção	956.400\$000
Réis	330.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermo (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaiadas para uma produçãõ annual de seis milhões de kilos de papel e dispondõ dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressõ e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações espedias de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa. 605—Porto. 117

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA.

Epil' vite
Epil' vite
Epil' vite

CREME DEPILATORIO pronto a empregar. Efeito garantido. Perfumado. Tira rapidamente, a penugem, barba, os pelos mais rijos da cara e do corpo.

Não produz nem borbulhas nem vermelhidão, não irrita a pele. — Envio discreto e franco contra vale do correio de 580 centavos.

REPRESENTANTE: JULES DELIGANT
15, Rua dos Sapateiros - LISBOA

CHA HORNIMAN EM PACOTES UM SECULO DE EXITO UNIVERSAL



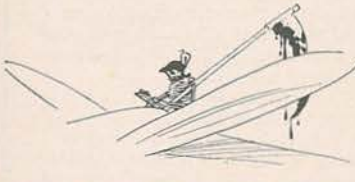
Nova lei

Por aquele conhecido horror dos barbaros a tudo o que representa beleza, os austriacos tem-se empenhado ultimamente em destruir os monumentos de Veneza, havendo conseguido, em parte, o seu objetivo. Razões justificativas? Nenhuma. E' um fenomeno fisiologico. As pessoas bem conformadas sentem repulsão pelo aborto, pelo que é feio; com os alemães e seus aderentes acontece o contrario: o que os atrae é a desarmonia.

Já aqui dissemos que os assassínios praticados pelos piratas dos submarinos não são de admirar; as tristes façanhas dos piratas do ar também não.

O mais curioso, porém, é que sendo a Austria um

paiz essencialmente catolico, pelo menos assim considerado pe los nossos catolicos, os seus avia-dores visam principalmente as igrejas, como ha pouco aconteceu



com a de Santa Maria Formosa. De modo que, ou aqui se está mal informado, ou esse tal catolicismo é tão inconsistente que se evola e desaparece a poucas centenas de metros acima do solo, isto é, a força da crença d'aquelas almas está na razão inversa das altitudes.

Eis aí uma lei que apresentamos á douta ponderação dos kultos.

O real organista

Abundaram os comentarios a respeito da noticia de ter o ex-rei de Portugal aceitado o convite para tocar órgão n'uma igreja de Eastbourne, durante uma cerimonia religiosa e se taes comentarios chegaram aos ouvidos do nobre exilado ele não deve ter ficado satisfeito, porque deixam perceber, transparentemente, que sua ex-magestade foi alvo d'uma descarada chacota.

Quanto a nós, o caso não é de troçar nem de louvar. D. Manuel é um bom musico, na opinião de todas as pessoas que o teem ouvido, e nada mais natural do que haver quem faça justiça aos seus merecimentos, como é naturalissimo que ele se não tenha feito rogado. Decerto seria mais brilhante e proprio, em vista da sua alta categoria social, o quadro que o representasse montado, em meio d'uma batalha, desfazendo inimigos á espadeirada; mas também não será para desdenhar o que o reproduza no côro de uma igreja, poisando os dedos finos no marfim do teclado d'um órgão, enquanto alguma personagem da corte dá respeitosa-mente aos foles.



E talvez este ultimo seja até o que mais convém á figura dolorida do ex-monarca, em indecisão magoada, na sua infeliz situação de hospede dos inglezes, casado com a filha d'um príncipe alemão...

Resignação

Os rabiscadores de cronicas, como toda a gente que vive na capital, vai anualmente passar no campo alguns dias do verão; no regresso dá esse tempo como mal empregado, mas de doze em doze mezes reincide. D'um sabemos nós que está atualmente no campo e assim, fóra dos centros de população e limitando-se á leitura dos jornaes com inumeros espaços em branco, graças aos respeitaveis melindres da Censura, alguns vezes se vê em dificuldades para encontrar assunto apropriado. E' certo que outras vezes ele lhe aparece quando menos o espera...

Ha días, n'uma rua de aldeia, o rabiscador topou com uma velhinha que tateava as paredes. Ofereceu-se para a guiar e ela dispensou-lhe o auxilio, dizendo:

— Muito obrigada, mas eu não sou cega...

— Ah! julgava...

— Não sou; sou quasi cega, mas não de todo, graças a Deus.

E continuou, com a loquacidade que não é rara nos camponezes:

— Eu moro perto d'aqui. Vivo com a minha filha. Sou viuva.

— Tem uma filha? Sempre é uma companhia.

— Tenho mais filhos, mas solteira só esta. Tem trinta anos e é doidinha.

— E' doida?

— E', sim senhor. E como caiu uma vez nas escadas, partiu uma perna. Não faz senão disparates. Tenho um trabalhão com ela... não imagina! O peor é eu vêr tão pouco... e ser tão pobre...

— Então os seus outros filhos não a ajudam? São pobres também?

— São remediados, mas teem lá as suas familias; e depois, como teem muito que fazer, nunca pôdem vir a minha casa. Eu é que faço tudo, graças a Deus.

— Triste vida a sua, mulhersinha.

— Isso não é, meu senhor. Até ás vezes tem graça.

— Tem graça?! permita-me que duvide.

— Tem, sim senhor. Gostava que alguém estivesse de parte a vêr...

Eu é que faço a comida. Ponho a panela ao lume, deito-lhe agua, depois a hortaliça, o sal... Aquilo quem estivesse de lado, muito havia de rir.

— De rir? por quê?

— Ora! porque quando julgo que a hortaliça está cozida, meto a colher e reconheço que não traz nada dentro... Por causa da ceguira—que não é completa, graças a Deus!—suponho que tenho deitado a hortaliça na panela e tenho a deitado fóra, na lareira.

Depois, a minha coxinha, como eu não lhe dou o comer logo, quer-me bater com a muleta, eu pego a fugir pela casa e ás vezes cáio estatelada, porque vou de encontro a qualquer movel... Como sou curta de vista... Também, é da idade... oitenta anos...

— Ha pessoas que no seu logar preferiam morrer.

— Longe vá o seu agouro! Graças a Deus não tenho doença nenhuma... Depois quem havia de amparar a minha do'dinha?

Era o assunto procurado, de que se poderia fazer um belo trecho literario, tanto mais que se refere a um episodio absolutamente autentico.



Acacio de Paiva.

Abnegação inesperada



NÃO foi sem um vivo sentimento de alegria e de sarcasmo que José viu chegar ao seu regimento, no dia seguinte àquele em que havia sido lançada a ordem de mobilização, alguns soldados filhos de famílias aristocráticas e burguezas que até esse momento viviam na abundância e na riqueza, gastando dinheiro sem cuidados, vestindo bem, dançando nas salas, amando, levando uma saborosa existência de regalos e de doçuras e ignorando os

heroísmos, as angustias, os sofrimentos com que os homens que procuram no trabalho o pão para a boca sobem a montanha íngreme do seu Calvário de sacrificados. José, que era rude e plebeu, entregava-se, na sua aldeia, antes de ser chamado ao serviço militar, às duras fainas agrícolas. Cavava a terra de sol a sol, com a sua enxada que falcava e luz, rasgava com o ferro agudo do arado o ventre fecundo da leiva, para nela fazer as sagradas sementeiras que, pelos outonos sentimentaes, teriam de encher as tulhas e garantir, durante os invernos tormentosos, a fartura e o bem-estar à sua pobre gente. Calejára as mãos n'uma atividade constante, padecera todas as penurias dos deserdados, experimentára humilhações que muitas vezes lhe orvalharam de pranto os serenos olhos: e, estes consecutivos anos de luta e de tortura amarga endureceram-lhe a alma, formaram-lhe no coração lentas cristalizações de ódio contra os ricos, os bem nascidos, os felizes, os animados da sorte que logo na infancia dormiam os seus sonos em berços de sedas e de rendas e que, entrados na adolescencia, começavam a aspirar á flor da vida todo o perfume e toda a beleza que ela oferece aos predestinados. Era inculco, não possuía ilustração, mal sabia ler — e não podia exprimir com nitidez a fulgurante revólta que subia do fundo do seu espirito. Sentia, porém, com intensidade as inexplicaveis desigualdades do destino que dava a mesa opipara aos que nada faziam e passavam no mundo sem nunca representarem uma utilidade, matando com fome os que se extenuavam para produzir. Este desequilibrio social mais rancorosa tornava a sua colera!

Já soldado, quando saía, ás tardes, do quartel para correr a cidade, se no seu caminho deparava os moços elegantes que o'ham sorrindo, encostados ás paredes, as mulheres belas que aparecem, José rosnava de má sombra e perguntava a si mesmo para que serviam essas creaturas frivolas que não levantavam uma palheira do chão. Ao mesmo tempo, insurgia-se contra uma lei iniqua que o obrigava a ele, trabalhador rural e amparo de irmãos debeis e d'um pae invalido, a vestir a farda, e deixava os outros, os abastados, nas suas vagabundagens citadinas, nos seus ócios nunca interrompidos.

— Será porque eles nem com a espingarda podem? — monologava José, zombeteiramente.

Contemplando-os de revez, com o seu olhar obliquo e escarnekedor, seguia a direito resmungando:

— Eu não tenho padrinhos, sou um camponez; e,

na minha terra, quem não tem padrinhos morre mouro!

E' claro que José, um rapagão de peito forte, braços estaiados de musculatura, face energica, tinha pelos «fidalgos» o maior desdem, não os julgando uteis para nada. Pensava que se eles entrassem para o exercito e houvesse uma guerra, os janotas morreriam de medo logo aos primeiros tiros ou cairiam desfalecidos ao verem sair, de ferimentos horriveis, o sangue aos borbotões.

— Lá para a guerra com as damas talvez sirvam, não digo que não; mas para aquelas em que se mata e se morre, aos urros, isso mais devagar!...

A guerra, porem, veio inesperadamente, foram convocados todos os homens que estavam na idade de combater, sem distincão de classes e sem restricões que seriam abominaveis; e quando, nessa limpida e luminosa manhã de verão, os recrutas principiaram a chegar ao quartel, José rindo contente, disse para alguns camaradas:

— Rapazes, vamos vêr entrar os «casacas». Com todos os diabos, vae ser uma coisa bonita!

Com as mãos nos bolsos das calças, o bonet carregado para a orelha, a fronte alta, uma expressão de jubilo e de desafio nos labios delgados e rubros, êle ia assistindo ao desfilar incessante dos novos soldados, que traziam ainda os seus trajos civis de talhe correto, os seus colarinhos brunidos e lustrosos á luz, as suas botas de verniz, as suas gravatas picadas de pedras finas como se, em vez de virem para um regimento, viessem para uma reunião mundana.

— Como eles andam bem calçados, os estroinas!

— dizia êle chocarreiramente. Se tiverem de calçar as botas do uniforme, estragam os pés!...

Os outros deslisavam rapidamente, sem constrangimento, indo apresentar-se ao coronel. Não havia na sua face uma palidez que denunciava e temores, contrariedades, hesitações; antes se mostravam impassiveis, orgulhosos, cheios de calma e confiança. A observação deste facto surpreendeu José, que exclamou para um companheiro:

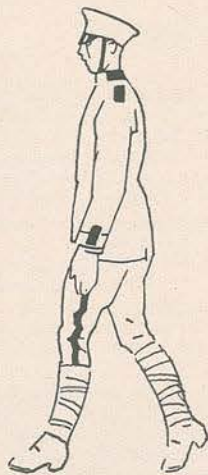
— O' 37, as «madamas» não choram!

— E' que pensam que se trata dum baile.

— Lá dançar, hão-de dançar. Olê!

Durante as longas e asperas semanas da instrução, a surpresa de José mais aumentou. Com efeito, os «fidalgos» suportavam alegremente as maiores fadigas, aprendiam com rapidez o manejo das armas, cavavam trincheiras, não se eximiam a nenhum serviço por mais violento que fosse, cumpriam pontualmente as ordens recebidas, eram obedientes, disciplinados, perfeitos. Notando-lhes estas qualidades, José murmurava, irritado:

— E' assim mesmo! Pois que lhes parece aos «casacas»? Aqui dentro, todos somos eguaes!... Mas



sempre quero ver como eles se portam, mais tarde, quando ouvirem assobiar as balas sobre as cabeças... Então é que vão ser elas!...

Já nestes moços havia desaparecido qualquer traço exterior que os distinguisse dos outros, dos que vinham da oficina, do atelier, da fabrica, do campo. Como eles, vestiam agora uma farda de cotim cinzento, como eles, traziam um bonet na cabeça, como eles, dormiam nas casernas, em duras enxergas de palha; mas o azedume de José não se dissipava nem mesmo ante esta egualdade. Julgava-os maus, enfáticos, incapazes de confraternizações, de afetos pelos de nascimento humilde.

— Vejam lá se eles se aproximam de nós, para conversarem. Isso sim!... Separam-se, muito senhores do seu nariz, como se fossem feitos de carne e ossos diferentes dos meus. Não, a mim não me enganam!

Mas de repente, caindo em si, meditava:

— Em boa verdade, quem se afasta d'elles sou eu! E hei de afastar-me sempre. Não quero que se iam á minha custa!...

Um dia, o regimento foi mandado aprontar a toda a pressa. Tinha de partir ao romper da madrugada, sem que os soldados soubessem para onde.

A Patria reclamava todas aquelas vidas em pleno viço e em plena força expansiva para sua defeza ou para a defeza de uma causa que interessava a honra, a dignidade, a intelligencia nacionaes. Foi uma azafama constante nas casernas, durante toda a tarde. Os soldados dispunham as suas coisas, lustravam o correame e os sabres, emalavam as suas roupas — José observava que, se em muitos olhos brilhavam lagrimas e se em muitas fisionomias lividas havia contrações, os «fidalgos» não empalideciam nem perdiam a jovialidade, chalaceando uns com os outros, falando da guerra com uma curiosidade de quem desejasse conhecê-la de perto, aventurar-se aos seus perigos e ás suas glorias, curtir os seus sofrimentos e sentir as impetuosas paixões que ela desperta.

— Querem vêr que me enganei e que os «casacas» me saíram valentes? — monologou ele.

E, olhando-os furtivamente, logo acudiu, tranquilizado por um subito pensamento:

— Qual!... Estão a representar para disfarçarem! São eles lá capazes de manterem esta basófia em face dos inimigos!... Pois não foste, Mariquinhas!

O regimento partiu, com efeito, logo ao raiar d'alva, quando estavam ainda desertas as ruas da cidade. Para aligeirarem as suas preocupações e distrairem as suas maguas, os soldados, que durante a marcha iam á vontade, cantavam hinos patrióticos. Era um belo espectáculo o que ofereciam esses rapazes, indo talvez para a morte ou para a dôr, entoando canticos.

D'áí a semanas, eram pela primeira vez conduzidos á frente da batalha, que cobria de fogo as perspectivas e que espalhava por montes e planicies

o estrondo permanente da artilharia, o crepitar da fuzilaria, o ruido das armas que se entrechocavam, os gritos alucinantes dos que tombavam feridos sob a avalanche de ferro. O regimento, deante deste inferno ignorado por ele, hesitava e era preciso que, a cada momento, os officiaes lembrassem energicamente aos soldados os seus deveres:

— O medo é uma covardia que desonra, rapazes! Avancemos!

Foram ainda os «casacas», que José tanto desdenhava, os primeiros a obedecer, caminhando sob a metralha que os trucidava, abrindo entre as suas fileiras grandes claros. José batia se com furor, com raiva, expondo-se ás balas que silvavam á volta do seu corpo.

— E' para que os «casacas» saibam que cá não se é menos corajoso do que eles! — rosnava ele entre dentes.

A emulação duplicava a sua valentia.

— Morra o homem, mas deixe fama!

O regimento, que carregou impetuosamente sobre o adversario, ficou triunfante, mas sofreu imensas baixas na acometida. Pela planicie, estrelada de enormes nodoas sangrentas, jaziam corpos inanimados aos montes. A luz imprimia expressões singulares aos rostos brancos dos mortos. Perto das posições contrarias, José foi atingido no peito por um caco de granada, e abateu-se junto d'um outro ferido, que rastejava nas relvas. O seu ferimento era grave. Esvaia-se em sangue, enfraquecia, a dôr fazia-o rugir.

— Camarada! — bradou alguém.

José procurou com a vista quem o chamava. Era um «casaca»; não respondeu.

— Camarada! — murmurou a mesma voz.

— Que me quer? — perguntou ele, a custo.

Uma forma humana, esfarrapada, sanguinolenta, com

um braço esfacelado, avançou para êle, curvou-se sobre a sua cabeça, inquiriu:

— Onde está ferido?

— Aqui! — informou José, indicando o lado esquerdo do peito... Mas não se incomode!... Isto não vale nada.

— Escute: — veja se pode levantar-se e encoste-se a mim, que eu acompanho-o. A minha ferida não presta, é ligeira. Apenas perdi um braço!

José fez um esforço, gemeu e susurrou, já sem irritação:

— Não posso! Parece-me que morro!...

Aquela abnegação do «casaca» tocava-o por dentro. Quanta generosidade! E ele que tão mal julgava os «fidalgos!» O outro sentou-se, puxou brandamente, com a mão que lhe restava, a cabeça do companheiro para as suas pernas.

— Está assim melhor? — interrogou.

— Perdão! Perdão! — implorou José, chorando...



JOÃO GRAVE.

Atravez da Italia em tempo de guerra

Traz-me o correio esta carta d'Italia:

Veneza, 30 de julho.

Meu amigo: Lembra-se v. de que, ha tres mezes, quando ambos des-ciamos os Campos Elisios depois de visitar esse pobre capitão na ambulancia de Carlton, lhe causei uma não pequena surpresa annunciando-lhe a minha viagem a Italia?

—Que vae v. lá fazer?—perguntou-me o meu amigo.

—Mas... vêr a Italia!—respon-di-lhe.

E pareceu-me que v. não compreendeu bem, no momento, toda a legiti-ma curiosidade que a Italia d'esta hora despertava no meu espirito.

Sim, é certo, eu conhecia bem a Italia, mas a Italia que toda a gente viajada tem o imperioso dever de conhecer: a Italia da paz, a Italia-museu, a Italia do Cook, a Italia morta. Como toda a gente, depois de ter atravessado a Suissa, eu entrei um dia em Milão; como toda a gente, eu percorri as suas largas ruas e fiz a volta das suas largas praças, um pouco descontente com o ar moderno d'essa cidade feliz. E, ao trocar lá por sujas notas italianas o meu ouro do Ocidente (porquen'esses «remotos tempos o ouro ainda existia) resignei-me com a impressão de que a prospera cidade era para a grande Italia historica e monumental

como são para as grandes exposições aqueles recintos onde se fazem os trocos, junto dos «guichets».



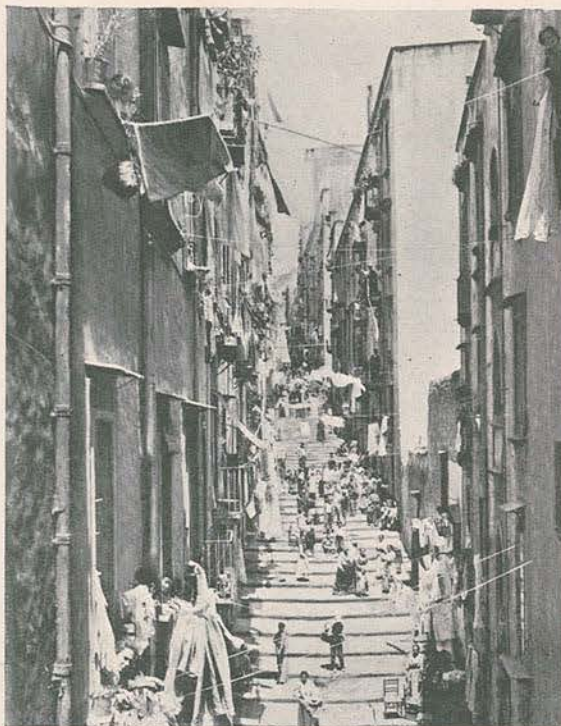
«L'heure mauve à Venise», quadro de Joncières

Depois, como toda a gente, eu vi Veneza, a Veneza d'um Carnaval que não era já o de Tiepolo, com uns aspetos românticos feitos de encomenda e uma esturdia que me trazia á idéa obstinadamente os horriveis «samedis

joyeux» du Bal Tabarin. E pareceu-me então, como não sei se a toda a gente, que era uma má ação arquitetar farçadas taes, capazes apenas de inspirar a literatura dramatica de mr. Abel Hermant, nas ruelas tristes mas respeitaveis e sobre as sujas aguas d'essa cidade morta.

Depois, como toda a gente, visitei Florença. Ouvi durante dias os meus passos nas salas dos Uffizi; por lá cruzei com grupos de pessoas de varios paizes mais ou menos civilizados e com outros de animaes vermelhos, de pelo ruivo e de enfeites grotescos que me disseram ser alemães. E, mergulhando o dia inteiro na mais profunda evocação da Edade-Media, á noite ia espiaerecer ao Cinema.

Depois, como toda a gente, visitei as duas Romas, a antiga e a d'hoje, que se misturam mas se não combinam. Dansei o tango n'um hotel janota a dois passos do Capitolio. Cruzei, sob o arco de Tito, com o principe de Wied, então «mbret» da Albania. Comprei bilhetes postaes ilustrados nos jardins do Vaticano e só



Uma rua de Napoles

por escrúpulos de consciencia me não fiz ab-solver por um sacerdote côr de fiambre que me disseram tambem ser alemão.

Como toda a gente, depois, visitei Nápoles e, de olhos fitos no grande céu azul, sorri ao nosso lindo sol peninsular. Comi «macarroni» em pratos mal lavados, e, nos bairros que o meu guia me disse serem os mais característicos da terra, conheci, dependuradas nas janelas, todas as roupas brancas d'uma população morena que, infatigável e lentamente, se catava ao sol. Fui, n'um grupo cosmopolita, meter o nariz na cratera do Vesúvio e visitei em torno do golfo



Vendedores de fruta em Nápoles



Um napolitano

das coisas magníficas d'outros tempos, esse presente parecia-me—porque não dizel-o?—sem grandeza. Esses mesmos militares que eu via passando

as pitorescas terras de repouso onde um alemão célebre fazia aquilo que o respeito da moral pública me impede de lhes contar aqui.

Assim, meu amigo, eu tinha visto, na Itália toda, o passado e o presente debatendo-se n'uma antite-se perfeita. E, ao lado

na Praça de S. Marcos, enfarpelados vistosa e ricamente, á alemã afiguraram-se-me minúsculos n'essa terra evocadora de tantas grandezas e de tamanhos heróicos.

Muitas coisas se passaram depois que eu vi a Itália pela última vez. Esse paiz, que parecia ser um opulentíssimo museu explorado cinicamente por financeiros boches, quiz libertar-se d'uma tutela que era uma vergonha. A Itália poz-se ao lado dos que eram, pela raça, pelas aspirações, pelos interesses, seus irmãos. E, se os políticos se diria hesitarem ainda de vez em quando, se ha ainda nas suas Universidades e nas suas sacristias quem se não tenha corrigido de velhas admirações e de velhas amizades, o povo, que a voz do poeta despertou, esse, já não hesita. A Itália encontrou o seu destino, a sua razão de ser. Ela tem hoje a consciencia da sua grandeza, ou, melhor dizendo,

da grandeza da sua missão histórica. Ela reencontra o caminho direito de um futuro glorioso e dispoe-se a segui-lo com heroísmo e com fé. E sabe v. , meu amigo, o que acontece? E' que essa Itália antiga e essa Itália moderna que se me afiguravam tão dessemelhantes, tão distantes uma da outra, me aparecem agora juntas, n'uma harmonia perfeita. O Capitólio poderia perfeitamente ter sido feito para que lá do alto d'Annunzio pudesse dizer aos romanos d'hoje as maravilhas do «ressurgimento».

Agora, meu caro amigo, eu vi de novo Nápoles, e Roma, e Florença, e Veneza. Em Nápoles a guerra é vista um pouco de longe, como a vêem



A praça da Catedral, em Milão

em França os de Marselha. Mas lá mesmo ela é popular. Nos bairros pobres, as mulheres e os filhos dos reservistas que partiram esperam com serenidade e com orgulho. Roma arde em patriotismo e os romanos, passeando ao longo da via Appia, podem, junto dos tumulos dos seus antepassados gigantes, chorar os seus gloriosos mortos d'hoje. Ao pé do Coliseu e dos arcos de triunfo, o habitante de Roma sente-se agora já não o cicerone, mas o legítimo s e n h o r.

Florença, essa mesma, guerreira de outr'ora, que parecia já definitiva e mente morta, resuscitou para uma missão, a mais bela, de piedade e de amor. Está hoje transformada n'um grande hospital. E Veneza defende-se contra a ameaça dos aviões austriacos, esconde as suas maravilhas, protege-as como pôde, e vive, entre as suas aguas mais desertas do que nunca, um belo sonho de gloria que será a realidade d'ámanhã. Como ela é linda, como ela é doce, como é bom contemplá-la, senti-la, admirá-la, sem «touristes», sem entrudos contrafeitos, sem serenatas para uso dos clientes de Cook, com muito poucos guias e sem nenhuns alemães!

Por aqui me perco há já duas semanas. Uma visita ao Lido reservou-me uma surpresa

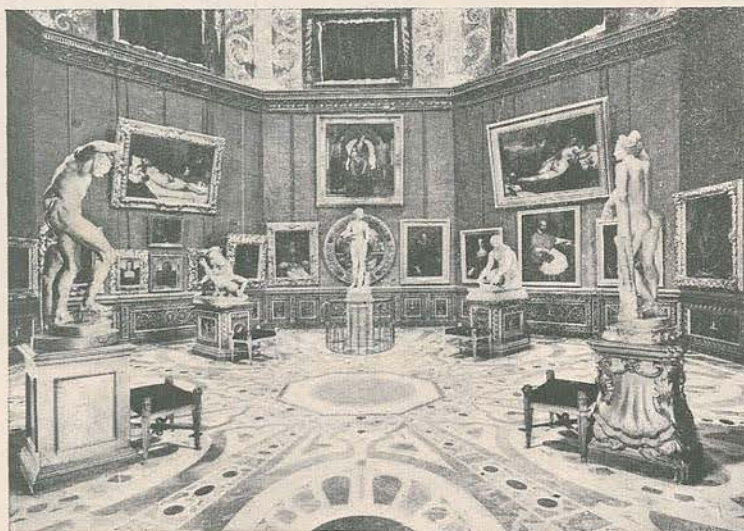
que, embora com risco de parecer cruel, eu não posso realmente dizer infeliz. O Grande Hotel do Lido ardeu inteiramente. Ele coroava, com uma grandiloquencia a que é forçoso prestar homenagem, a obra dos que pouco a pouco transformaram a linda praia de Veneza n'uma especie

de Trouville do Adriatico, armada como é de moda, para um cosmopolitismo perdulario, sem requinte e pôde mesmo dizer-se que sem gosto. Era um Palace equal a todos os Palaces que povoa o Universo. Eu não sei: mas é natural que tivesse sido instalado por um suíço mais

ou menos autentico, sob os planos de um arquiteto alemão.

Esta já vae longa, meu amigo, e por aqui me quedo. Mas v. concorda, não é verdade, em que

eutinh a razão em querer ver a Italia na sua «toilette» de guerra que a faz mais do que nunca, linda e digna de ser amada entre todas as terras onde a Natureza é bela e os deuses crearam os santos, os poetas, os homens de arte e os he-



A Tribuna, no museu dos Offícios, em Florença



Roma: O Coliseu e o Arco de Tito

ros...

Muito seu

Por copia conforme

X...

Paulo Osorio.



POMBAS BRANCAS

*Pombinha branca, triste pomba mansa,
Quem te ligou as asas e tem presa,
Quem te vigia tanto, se, indefesa,
Só teu olhar o céu imenso alcança?*

*Quem perdeu de tal modo a confiança
No tecido do laço ou na agudeza
Que tem por dura e fatigante empreza
Ter-te, cançada pomba, em segurança?*

*E' que esse alguém bem sabe que um gemido,
Uma brandura tímida e fagueira
Já muito carcereiro tem prendido.*

*E a pomba mansa afasta-se ligeira
E ao vigilante ofusca-se o sentido,
Pombinha amada, minha carcereira!*

MASCARA AZUL.

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Também encontrou eco entre nós o veemente protesto de todo o mundo civilizado contra o assassinio de Carlos Fryatt, o valente capitão do vapor inglês «Bruxelles», perpetrado em Bruges pelos alemães, a pretexto d'ele ter esporeado o submarino «U-33. Nem lhe admitiram defeza, apesar dos Estados Unidos prontamente, a solicitações do governo inglês, terem intervindo no caso; mataram-no tão sumaria e barbaramente, como o fizeram a «miss» Cavell, como o tem feito a outros milhares de vítimas do seu odio, do seu instinto de perversidade.

E ainda não cessaram, nem sequer arrefeceram, os protestos. A' medida que se vae conhecendo em todos os seus pormenores o procedimento desumano, absolutamente contrario a todas as leis da guerra, do banditismo alemão contra Fryatt, mais energicos são esses protestos.

A Liga dos Officiaes da Marinha Mercante Portuguesa, n'uma assembléa geral, também consi-gnou a sua indignação profunda contra o fuzila-



O capitão Carlos Fryatt

mento do denodado capitão da marinha mercante inglesa. N'uma longa moção, de que foi entregue uma copia ao illustre ministro da Inglaterra em Lisboa e outra ao nosso ministro da guerra, a Liga exprimiu, de uma maneira desassomburada e eloquente, o seu desdem por um povo onde os direitos do homem são vilissimamente calcados; o seu horror pela guerra actual, o maior crime da historia da humanidade, provocado pelo cesarismo alemão; em summa, protestou contra todos os pretextos infamemente engendrados para explicar um tal assassinio e repeliu a menor idéa de consideração por um paiz que, durante dois anos de guerra, se tem revelado da maior inconsciencia, deixando-se arrastar ás mais inauditas ferocidades pela casta que preside aos seus destinos.

E a patriótica associação, que tão excellentes serviços tem prestado á nossa marinha mercante, termina por votos, que aliás são os de todos os portugueses, para que os im-



No Somme: — Cadáveres alemães encontrados nas trincheiras demolidas pela artilharia.



Uma das imensas caravanas de prisioneiros austríacos feitos pelos russos, entrando em Volkynia

(Cliché T/illustration).



O general Letchitsky, comandante do exercito russo ao sul do Dniestier.



O general Sakarof, comandante do exercito russo em Volkynia

perios centras, vergonha da humanidade no seculo XX, sejam esmagados o mais rapida e completamente possivel.

E não-de sel-o, porque já re- cuam em todas aslinhas.



Um aspeto do Marne, na tarde de 28 de julho
(Cliché do distinto correspondente do Seculo em Paris).

IRMÃOS D'ARMAS



Inspirada alegoria de Lucien Jonas á estreita união de francezes e inglezes
na actual guerra.

(The Graphic).

TANCOS

Como vão partir para a frente ocidental da grande luta as tropas que se estiveram exerci-

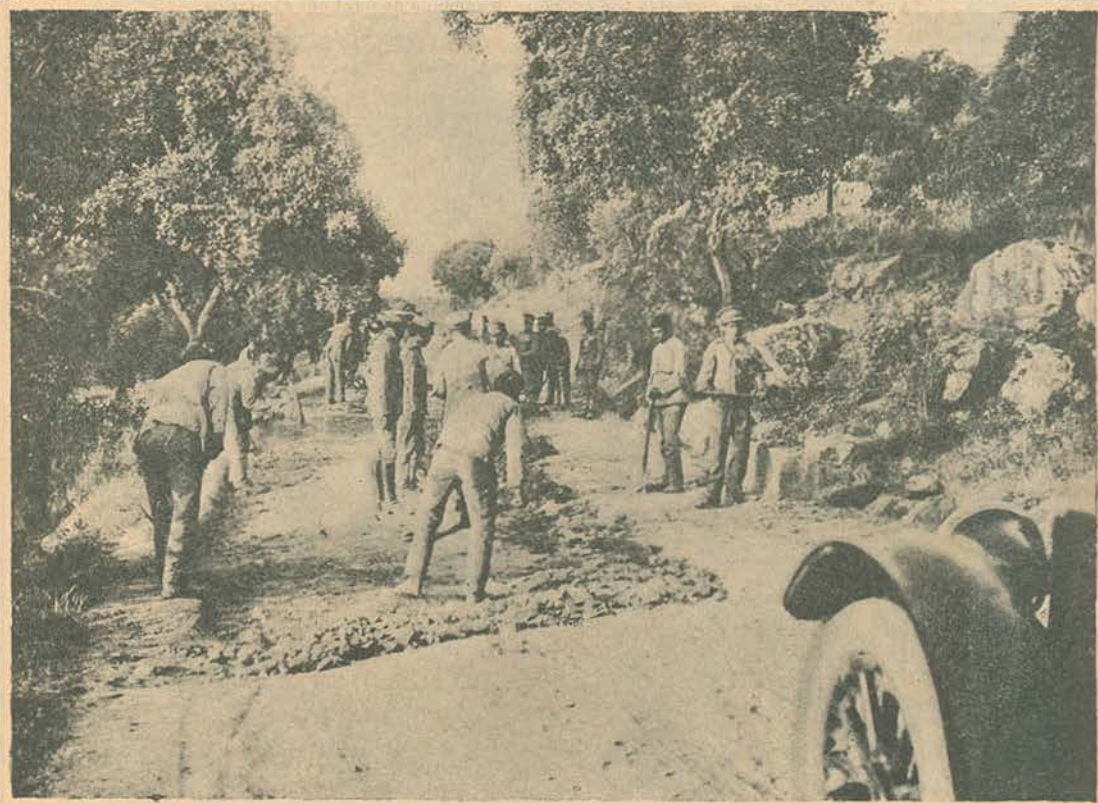
documentação preciosa, que d'aqui a alguns mezes, depois d'elas se cobrirem de gloria, se-



Soldados que passam nas terras da sua naturalidade são acompanhados por pessoas de família

tando em Tancos, não perdem tão cedo a oportunidade as fases dos diversos exercicios. Pelo contrario, devem todas registrar-se como uma

rá consultada com saudade, com orgulho e quem sabe com quantas lagrimas de saudade e de comoção.



Uma força de sapadores mineiros prepara a estrada a caminho d'uma localidade para dar facil passagem aos camions e ao automovel King que conduzia o fotografo da *Ilustração Portuguesa*



A infantaria marcha, protegida por um muro, a caminho do local dos exercicios



Exercicios finais da divisão de Tancos: A artilharia atravessando a povoação mais proxima da charneca onde se realisaram os exercicios.—(Clichés Benollet enviado especial da *Ilustração Portuguesa* a Tancos)—(Reprodução interdita)—Publicação autorizada por S. Ex.^a o ministro da guerra.



Os Vendilhões da Patria

No proximo mez de setembro, no dia 3, o *Seculo* vae iniciar a publicação de um folhetim, intitulado **Os Vendilhões da Patria** e de que é autor o celebre escritor francez **Pierre Decourcelle**.

E' um romance de atualidade, inspirado na atual guerra, no qual o conhecidissimo autor dos *Dois Garo.os* nos faz assistir aos constantes conflitos entre o *Kaizer* e o *Kromprinz*, este dominando o pae pela arrogancia e despotismo e preparando a guerra com o enorme bando dos seus espiões.

Os Vendilhões da Patria é, pois, um romance destinado a um tão grandioso successo como o dos *Misterios de New-York*, que o mesmo celebrisado escritor adaptou.

Interessante diversão tauromaquica

Na bela vivenda do distinto *sportsman* e amador tauromaquico, sr. Simão Luiz da Veiga, efetuou-se n'uma d'estas lindas manhãs de agosto uma garraiaada toda obrigada á hespanhola, a começar pela apresentação dos garraios que não eram embolados.

Distinguiram-se na lide o sr. Emilio Ribeiro com as varas, o sr. Antonio Teixeira com as bandarilhas, os srs. Carlos Viana e Otavio Bobone com o capote. As honras da festa couberam, porém, ao sr. Vitor Ribeiro, que passou de capote e muleta, entrando a matar com muita correção e terminando com uma estocada á *volapié*, com a qual o animal caiu. Depois da garraiaada, que decorreu no meio dos mais entusiasticos ap'ausos, foi oferecido aos convidados um delicado almoço. De tarde houve uma



1. No camarote do tentadero
2. A entrada do gado

diversão com seis vacas e uma bezerra. Toda a lide foi á portugueza, entrando n'ela, além dos distintos amadores que entraram na garraiaada, os srs. osé Flores e Henrique Raposo.

A bezerra foi para os meninos Simão, João e Filipe da Veiga, que mostraram muita coragem e destreza, principalmente o primeiro, sendo todos trez vivamente applaudidos.

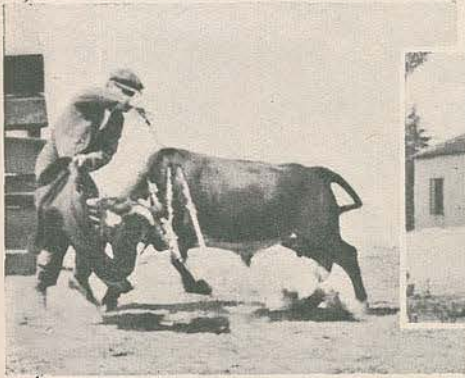
Todos os convidados se retiraram profundamente cativados com a fidalga gentileza com que foram recebidos pelo sr. Simão da Veiga, por sua esposa a sr.^a D. Constantina Veiga e por suas interessantissimas filhas, as meninas Maria Emilia e Izabel.



Vitor Ribeiro passando de muleta



O sr. Simão da Veiga com alguns dos seus convidados e pessoas de sua família



3. Monte Pedrogam.—Residência do lavrador sr. Luiz Simão da Veiga
2. O sr. Vitor Ribeiro na sorte de morte



O sr. Vitor Ribeiro, apoz a morte do garralo, recebendo a orelha do animal, que lhe é oferecida, por entre entusiasticos aplausos, pelo lavrador sr Simão da Veiga—(Clithés Benoliel)

Fotografia artistica



O castelo da Pena em Cintra

Cliché do distinto fotografo amator sr. dr. José Augusto Fernandes)



Aspetto da ultima sessão do congresso da União Republicana

(Clché B. nollet).

Nos dias 19 e 20 d'agosto reuniu, com grande assistencia de partidarios de Lisboa e da provincia, o segundo congresso da «União Republicana», decorrendo as sessões sempre muito animadas e tratando-se

dos pontos mais importantes do programa do partido, relacionados com a actual conjuntura e sobre os quaes depois de bem estudados e discutidos, se tomaram resoluções por unanimidade.

OFICIAES MILICIANOS

Excederam quanto se esperava os resultados finais da escola de officiaes milicianos, dirigida pelo illustre official do nosso exercito, tenente coronel sr. Pereira Bastos, que ao seu saber junta o maior espirito disciplinador.

Funcionou a escola junto ao regimento de cavalaria 4 e todo o seu ensino de caracter essencialmente pratico era ministrado junto do reduto de Montes Claros, na Serra de Monsanto, na estrada d'Ajudá, Queluz e Caselas nas paradas de infantaria 1 e de cavalaria 2 e 4.



No primeiro periodo a escola funcionou com 201 alumnos. Pelo apuramento feito agora no fim d'este periodo, acabam de ser considerados aptos para a promoção a alferes 147, não tendo sido possível apurar 54 alumnos. Estes continuam a frequentar a escola n'um novo periodo e só no fim de um terceiro, se não puderem ser apurados, é que poderão ser julgados incapazes ou inaptos para a promoção.

Não se podia prestar melhor e mais pronto serviço á nossa mobilisação.



1. O tenente coronel sr. Pereira Bastos, director da escola de officiaes milicianos—2. Grupo de aspirantes a officiaes de engenharia—3. Grupo de aspirantes a officiaes de artilharia—4. Grupo de aspirantes a officiaes de cavalaria—5. Grupo de aspirantes a officiaes do serviço administrativo—6. Grupo de aspirantes a officiaes de infantaria



Grupo de alferes medicos milicianos com os seus instructores.—Clichés Benoitel).

ORFEON CALDENSE



1. O sr. Carlos Silva, ensaiador e regente do orfeon.—2. O sr. Alfredo Pinto (Sacavem), que fez a conferencia *O sentimento musical do povo portuguez atravez da sua historia*, precedendo a apresentação do orfeon.—3. O orfeon constituído na sua maioria, por empregados no commercio. Estreou-se no Teatro Pinheiro Chagas em 31 de julho ultimo.—(Cliché do sr. Armando Silva).



O sr. dr. Gastão da Cunha, o novo embaixador do Brazil em Portugal.

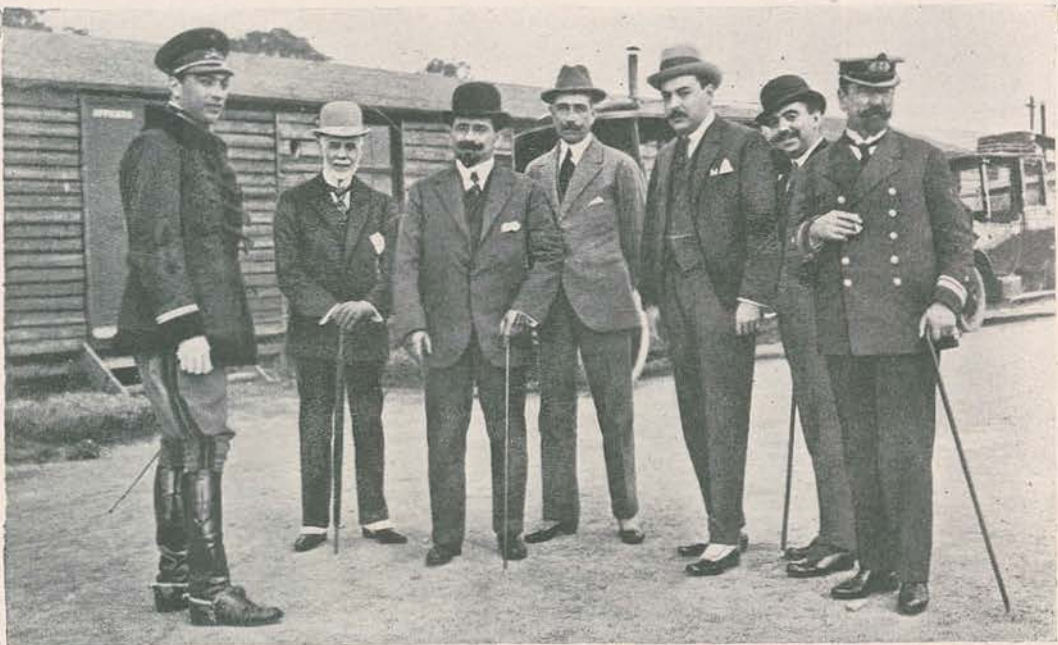
ra. As velhas e boas relações entre a nação portugueza e a italiana teem agora a cimentar-as o facto honroso de ambas se encontrarem a lutar uma ao lado da outra pelos mais sagrados direitos dos povos. Calcula-se, pois, a simpatia e o alvoroço com que foi recebido o sr. Atilio Serra, cuja nomeação se justifica pelas altas qualidades que n'ele concorrem para o desempenho de tão alto cargo.

Novo embaixador do Brazil.—Entrou já no desempenho do seu alto cargo o novo embaixador do Brazil em Portugal, sr. dr. Gastão da Cunha, diplomata tão prestigioso como homem de rara distinção, juntando a todas estas qualidades as de uma vasta illustração e de grande apreço pelo nosso paiz. Não podiamos ter mais segura garantia de que as relações de amizade e do commercio entre as duas republicas irmãs se hão estreitar ainda mais sob a influencia auspiciosa do novo embaixador.

—Novo ministro de Italia. — Fez já a entrega das suas credenciaes o novo ministro da Italia, sr. Atilio Serra.



O novo ministro de Italia, saindo do palacio de Belem
(Cliché Benolle).



A missão portugueza em Londres.—Visita dos ministros portuguezes á escola de aviação inglesa. — Da esquerda para a direita os srs. tenente Oscar Torres, Teixeira Gomes, nosso ministro na Inglaterra, dr. Afonso Costa, dr. Augusto Soares, Eugenio dos Santos Tavares, secretario do mln'stro dos extrangeiros, o jornalista Edmundo Porto e o capitão-tenente José de Carvalho, adido naval á legação portugueza em Londres.

CIGARROS DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
 Muito efficazes contra a
ASTHMA
 Catarrho — Oppressão
 e todas affecções espasmódicas
 das vias respiratorias.
 35 Annos de Bom Exito. Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
 6, Rue Dombasle, 6
 PARIS
 E BOAS PHARMACIAS

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
 CHIROMANTE
 E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME



Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambruse, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis. 2\$500 e 5\$000 réis



PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Estão a venda bonitas capas em percalina de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1916 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ótimo efeito.

Preço 400 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicio respectivo

Administração d'O SEculo

RUA DO SEculo, 43

LISBOA



REMINGTON UMC
Rifle de Repetição
Calibre .22 A Arma
Ideal Para Caçar



Um rifle de repetição calibre .22 ocasionar-lhes-ha grande prazer quando em busca da caça meuda. O atirador preocupar-se-ha unicamente em ver a exactidão do rifle que comprar, e que a potencia do cartucho que ella pôde disparar não evite o exito do tiro.

Peca para ver a nova arma repetidora REMINGTON-UMC calibre .22 para uso dos potentes cartuchos calibre .22 comprido rifle, assim como tambem .22 curto e .22 comprido.

Acham-se á venda nas principaes casas d' este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
 299 Broadway, Nueva-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil No Territorio do Amazonas
 LEE & VILLELA OTTO KUHLEN
 Caixa Postal 420, Sao Paulo Caixa Postal 20 A.
 Caixa Postal 183, Rio de Janeiro Manaus

Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

FOTOGRAFIA
Reutlinger
 A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
 PARIS
 TELEFONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

DURVEA

 Especialmente em epocha de calor deve-se ter "Maizena" sempre á mão. Com ella podereis facilmente addicionar á vossa lista de cousas alimenticias muitos pratos exquisitos e delicados, e ao mesmo tempo leves e perfeitamente digeriveis.

GELADO

Meio quartillo de leite, duas gemas d'ovos, seis onças d'asucar, uma colher de "Maizena." Mexa-se até ficar basto e, quando estiver frio, deite-se um quartillo de nata batida e duas gemas bem batidas. Deite-se assucar e essencia e ponha-se a gelar.

NATIONAL STARCH COMPANY New York, E. U.
 A venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz

COLGATE'S TALC POWDER

Pó de Talco COLGATE

(COLGATE'S TALC POWDER)

Substitue com grandes vantagens o pó d'arroz

INDISPENSÁVEL NA HIGIENE
DAS CRIANÇAS E NA TOILETTE DOS ADULTOS

A VENDA EM TODOS OS BONS ESTABELECIMENTOS

Contra 6 cent. em estampilhas será enviada uma amostra
pelos Agentes Geraes

Sociedade Luza-Americana dos estabelecimentos

GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, Lt. DA

R. da Prata, 145

LISBOA



SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA GRACA, Lda. *

EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

A BOA MUSICA



ELA — Gosta de musica?
ELE — Muito. Mas não faz mal, pode continuar...

PALESTRA AMENA

Não ha mal que por bem não venha

Quando se fizer o balanço d'este periodo terrivel da guerra, nós verificaremos, como é naturalissimo, que ela nos custou os olhos da cara, a perda de alguns portuguezes—para não ir mais longe, os que bravamente se bateram em Angola com os alemães—sangue, lagrimas e dinheiro. E' muito, muitissimo, não ha duvida. Mas como não ha medalha que não tenha reverso, verificaremos, tambem, que a guerra nos trouxe uma grande, uma enorme vantagem. E essa será a paz interna.

Diz-se que ninguem é profeta na sua terra e eu não ando n'este mundo para continuar os sabios preceitos da Sabedoria das Nações; mas aposto dobrado contra singelo como não me engano n'este vaticinio.

O conagraamento da familia portugueza, já largamente esboçado, tem de ser, dentro em breve praso, um facto irrecusavel. Leva geitos d'isso a attitude das duas partes beligerantes—o republicano e o talassa.

E ainda bem! Já não é sem tempo, cavalheiros. Seis anos de tricas, de discussões, de sarrafuscas, saturaram-nos a todos de tedio. Basta! E é com desvanecimento que nós vemos esta coisa agradabilissima: que se apertam mãos que ha anos se não encontravam, que se falam criaturas ainda ha pouco indiferentes, pelo menos indifferentes, que odios e paixões vão cedendo logar a um convívio cerimonioso mas cordeal.

Quem produziu este mi-

lagre?

Uma sábia política acalmadora? Ora adeus! A cedencia de uma só polegada no terreno de cada um dos beligerantes? Tambem não.

O que está produzindo este abençoado milagre é o perigo que nos ameaça a todos, o perigo nacional—a guerra, emfim.

Ela bateu-nos á porta quando cá dentro todos faziamos barulho, barafustando uns com os outros. E bastou esse trus-trus ao nosso ferrolho para que acabassem as tricas e os odios e comessemos a olhar uns para os outros como irmãos, filhos da mesma mãe amantissima—a Patria.

Vamos para a guerra? Pois vamos, todos, republicanos e talassas, todos portuguezes, todos arditos d'este sagrado ideal da defeza da nossa terra.

«A guerra é aquele monstro...»

E', é. Mas tambem sucede ás vezes ser uma excelente

peessoa.
Ou não?

João Ripanso.

NUM COMICIO

O orador—Companheiros: abaixo a exploração! Abaixo o capital! Abaixo os bancos! Um ovoinho—Os bancos! E então em que é que a gente se ha-de sentar?

Roubos

Ao empresario do teatro Republica, o excelente visconde de S. Luiz Braga, roubaram ha dias os gatunos uma estatueta que valia os seus trezentos escudos.

Anda com pouca sorte, o nosso amigo: ha um mez roubaram-lhe o Rafael Marques para o Eden e agora aquele objeto artistico!

E ambos de alabastro...

Amabilidade



—Não posso dançar consigo esta valsa, porque estou comprometida. Mas vou apresentar-o a esta formosa joven...

—Perdão, eu não quero joven nem formosa; eu quero mas é dançar consigo.

Poeta infeliz

Ha em S. Pedro do Sul um poeta muito desgraçado: é o general reformado sr. Francisco Menezes, que de cada vez que publica uma poesia apanha uma sova, chegando a coisa a ponto da população requerer a saída do homem para parte onde lhe não façam danos.

Não lemos nenhuma das poesias provocadoras das sovas, mas fazemos idéa do que serão, para taes indignações acenderem.

Mais uma vez a provincia dá lições á capital: andamos com panos quentes, a pedir desculpa aos maus poetas por não lhes publicarmos as borracheiras ou a manda-los para as Torres do osso e do chfre, quando seria muito mais radical o sistema de S. Pedro do Sul.

Um pontapé bem puxadinho por cada baboseira em verso que por aí se publica e veriamos como os pequenos tomavam emenda!

Orações funebres

A noticia de que a grande Duse estava perigosamente enferma—morta talvez, quando estas linhas correrem mundo—afligiu naturalmente todos os cultores e admiradores das belas letras e foi durante muitos dias o assunto das conversas dos bastidores de todos os teatros do mundo, onde se lamentava a sorte da grande tragica—e lamentava sinceramente porque da Duse é que nunca atriz alguma se atreveu a dizer mal.

A reportagem indigena não perdeu a ocasião de colher impressões, incluida a do Seculo Comico, que nos trou-

xe dos nossos teatros as seguintes linhas ácerca do lamentavel acontecimento:

Desaparece com Duse a unica atriz que nos faz sombra...

AUGUSTA CORDEIRO.

Sim, tinha talento, mas não falava tão bem francez como eu.

MARIA PIA.

Deixa um vacuo, mas pôde preencher-se, ao passo que se fosse eu como me poderiam substituir?

LUIZ PINTO.

Era de estomago fraco; nunca seria capaz de digerir uma boa posta de bacalhau.

JOAQUIM COSTA.

Para mim só tinha um defeito: não ter sido aluna do nosso Conservatorio.

AUGUSTO MELO.

E' uma grande perda, mas não chorem porque eu estou aprendendo italiano a toda a pressa.

PALMIRA TORRES.

Coitada! Que pena ela terá se morrer sem nunca ter representado no Eden!

HENRIQUE ALVES.

Era digna de representar comigo.

AUGUSTO ROSA.

Que boa memoria tinha aquela mulher!

EDUARDO BRAZÃO.

A Duse? bem sei; é uma colega que tem muita piada...

ANGELA PINTO.

Dêmo-nos sempre perfeitamente. Era feia, vestia mal, tinha uma mancha grisalha no cabelo, mas tinha talento; pelo menos, parecia.

LUCINDA SIMÕES.

Se ela quizesse vir para o Ginasio, dava-lhe sessenta mil réis por mez.

MENDONÇA DE CARVALHO.

Conheci muito bem. Pedi-lhe uma vez cinco tostões emprestados.

JOÃO LOPES.

Entre ama e creado



—O' Antonio, parece-me que o seu fraco é o vinho.
—O meu fraco! O' minha senhora, mas o vinho é precisamente o meu forte!

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para os alunos dos liceus)

A higiene em campanha

Ha dias, meninos e meninas, o meu mestre colega na ciencia, sr. Ricardo Jorge fez uma conferencia com o titulo d'esta minha, erudita sem duvida, mas deficiente, ouso dizer-lo, porque áquele professor falta uma qualidade que me sobra:—o descaramento.

A higiene em campanha, queridos ouvintes, é, primeiro que tudo, uma leria. Aqueles banhos diarios a que estais habituados, a roupinha lavada, a barba feita, a lavagem dos dentes, o tratamento das unhas, etc. etc., tudo isso desaparece, porque em tempo de guerra não se limpam armas e o soldado não é mais do que uma arma.

E' uma leria, repito, mas não deixa rei de citar alguns preceitos que escaparam ao meu já referido colega e que, mais ou menos, se podem seguir.

A infeção pelo ferimento de bala ou de espada é o mais de recear em combate, não é verdade? Pois bem; não deve o soldado consentir a perfuração de projétil que não tenha sido previamente passado por uma solução de sublimado, e assim deve praticar tambem com relação á ponta e gume dos instrumentos cortantes.

Como pode acontecer que para o campo o soldado não possa levar o seu colchão de arame nem roupa de cama convenientemente desinfetada, e se veja obrigado a dormir na terra, deve borriifar esta, antes de se deitar, com um desinfetante qualquer, evitando ler, para chamar o sono, os artigos do sr. Alpoim, porque, n'esse caso, a infeção seria imediata.

E' o que tenho com mais importancia a dizer-lhes, com a franqueza que me caracteriza, tanto mais quanto estou convencido de que nada lhes aproveitarão estes conselhos, visto que não excedendo nenhum dos meus ouvintes a idade dos 15 anos, a guerra européa já não existirá quando os meninos presentes chegarem á idade militar, e é a esta que me refiro.

Tenho dito e peço-lhes o favor de não aplaudirem, porque estou muito constipado.

Bonaparte

(Aluno do Ilceu Camões).

O esperanto e a guerra

No numero das linguas em que se permite escrever pelo correio, não figura o esperanto, pelo que a Lisboa Societo representou ao presidente do ministerio reclamando, com varios fundamentos, mas faltando-lhes alguns, que seriam os mais convincentes.

Primeiro, o esperanto é uma lingua inofensiva, sem o menor caracter bellico; depois, quem escreve em esperanto anda tão afastado das coisas mundanas que certamente nem sabe que estamos em guerra; finalmente, não ha pessoa alguma que responda a uma carta «scrita em esperanto, porque ao lê-la fica madurinha.

**NORTON DE MATOS**

Entrando agora Portugal na guerra
O titular da pasta respetiva
Tem cabimento na secção festiva
Que é tão apegada em toda a terra.

Da cidade mais bela a rude serra
Vendo no «Foco» essa figura altiva
Hão-de sanda-la n'um imenso «viva»
Na Russia, França, Italia, em Inglaterra.

Pode um homem ser grande no talento
Fazer proezas n'uma luta armada,
Ser até modelar no sentimento,

Emquanto a voz potente e autorisada
Do antigo e respeitavel «Suplemento»
«Em Foco» o não cantar... não vale nada!

BELMIRO.

Tio modelo

Conversavam ha dias dois estudantes á mesa de um café, na Baixa:

—Que bom homem é o teu tio Jeronimo!

—Excelente! Está tão acostumado a pagar as minhas dividas, que quando lhe aparece em casa algum desconhecido, leva maquinalmente a mão á algibeira da carteira e pergunta: Quanto lhe deve ele?

E merece-o!

Na Boa-Hora compareceu ha dias um cidadão de Lava-rabos como testemunha n'um processo muitissimo bicudo, que até por sinal nem sabemos de que se tratava.

Na altura devida, o juiz interrogou-o:

—Vocemecê é casado?

—Sim senhor.

—Com prole?

—Não senhor. Com Maria Candida.

—Perdão, com prole quer dizer com filhos.

—Ah!, sim senhor. Tenho um prole e uma prola.

Está aqui está na secção de ciencias naturaes da Academia Cabreira.

Os sustos luso-hispan'cos

Em Las Palmas, ao que diz um telegrama de ali, uma vidente anunciou que um paiol de polvora que existe no bairro Los Rohoyas faria explosão durante a noite. Todos os habitantes do bairro fugiram, deixando as casas abandonadas.

Tal qual como aconteceria cá, apenas com uma diferenca: é que os nossos fugiriam, mesmo que no bairro não houvesse paiol algum.

Tableau!

N'um dos ultimos chás-tangos do Jardim Zoologico parece que se deu uma cena muito interessante.

Um joven recentemente chegado dos Brazis e que engraçava muito com as portuguezinhas, virou-se para um cavalheiro a quem fôra recentemente apresentado, e disse lhe:

—Vê aquela loura? Estou doído por ela.

—Deveras?

—E vou-lhe pedir uma entrevista.

—Peço-lhe que me conte depois o que se passar.

—Porque?

—Porque sou o marido d'ela.

Retalho de conversa

—... Olha lá, o teu filho Ernesto?

—Está em Paris; dedica-se á pintura.

—A que genero?

—A um genero muito elevado.

—Faz as decorações do Panteon?

—Não, está pintando a torre Eiffel.

N'um consultorio medico

Um primo do Marques, que é muito parecido com ele, deu em neurasténico.

Foi ha dias consultar um medico que lhe aconselhou repouso absoluto, que não se preocupasse com coisa alguma e se distraisse.

—Então, sr. doutor, tenho que deixar de fazer qualquer trabalho de cabeça?

—Sim senhor.

—Mas isso é impossivel.

—O senhor é escritor?

—Não senhor, sou cabeleireiro.

Boa piada

Um maduro de bom gosto escreveu-nos uma carta deveras chistosa, a que não damos publicidade por motivos que facilmente se compreendem.

Mas isso não obsta a que dêmos a assinatura e o herbicacho que a acompanha, que é de primeirissima ordem:

Fulano de Tal dos Anzoes,*Revolucionario civil miliciano*

E' de força, o cavalheiro!

O nosso Cabreira

Antonio Cabreira chama na sua Academia imbecis e maldosos aos que lhe vão á mão sempre que ele diz ou faz tolices. A ultima vez que o homemsinho se zangou foi quando lhe falaram no Curso Militar que Cabreira fundou no antigo Real Instituto de Lisboa.

O' demonio, que tal disseste! Cabreira, que não quer que ninguém se lembre de que ele era miguealista dos quatro costados—o Instituto até se chamava *19 de Setembro*, data do aniversario de D. Miguel,—des-temperou.

Chamem-lhe republicano historico que aquilo passa-lhe.



Uma descoberta ratôna

(1.º Episódio da 9.ª parte do PÉ FATAL)



1.—Manecas é incumbido, por um oficial inglês, de fazer ir pelos ares, às 14 horas prefixas, uma trincheira dos alemães.



2.—Estudado o problema, Manecas arma uma ratoeira



3.—e os ratos, penetrando logo com a sua proverbial ousadia, tomam lugar na ratoeira por espontânea vontade



4.—e deixam-se engatar a uma bomba, á qual o Manecas aplica o maquinismo d'um relógio, em comunicação com o seu percutor.



5.—Solto; os simpáticos roedores, e preparado o engenho para produzir os seus efeitos á hora determinada...



6.—Lá enfiam eles por uma brecha da trincheira inimiga.



7.—O oficial inglês e o Manecas prescreutam o horizonte com o coração tété-tété.



8.—14 horas prefixas!!!